

E V A N D R O ,

E

ALCINA,
P A S T O R A L ,

D E

M.^R GESSNER,

TRADUZIDA DO ALEMAÕ.



L I S B O A ,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

I 8 I 7.

*Com Licença da Meza do Desembar-
go do Paço.*

Vende-se por 160 réis broxado em casa de F. B. O. de M. Méchas, na travessa dos Romulares N. 8 A, junto ao Caes do Sodré á Ribeira Nova, aonde tambem se compraõ, vendem, trocaõ, e encadernaõ Livros de todas as qualidades: se vende tudo quanto he necessario para o uso de hum Escritorio de Commercio, e igualmente se aprompta qualquer encomenda de Livros, pois ainda que sejaõ raros se faz a possivel diligencia por alcança-los.

EVANDRO, E ALCINA, PASTORAL.

ACTORES.

PYRRO, Príncipe de Crissa, pai de Evandro.

ALCINA, supposta filha de Felicia.

EVANDRO, supposto filho de Albano.

ARATES, amigo de Pyrro, pai de Alcina.

FELICIA, Pastora.

Capitão da guarda de Pyrro.

Dois Cortesãos.

Hum Sábio.

Duas Criadas.

ALEIXO, Pastor.

*A scena representa hum lugar solitario,
rodeado de arvores.*

A C T O. I.

S C E N A I.

ALBANO, FELICIA.

FEL. **A**onde vai, visinho, tão pensativo, e occupado? Bem sei, que a nós os lavradores nunca

nos falta que fazer, se quizermos, que os nossos rebanhos, e fazendas andem bem governadas.

ALB. Isso he fallar como mulher de juizo. A nossa vida certamente he sempre activa, e occupada. Eu venho agora de cumprir huma obrigação de Religião, a que nunca falto. Offereci a Pan os primeiros fructos das cinco arvores, que plantei em memoria do dia, em que me foi entregue Evandro, filho dos meus cuidados. Ellas tem desoito annos, e estão tão crescidas, que parece, que os Deoses me querem dar nellas hum feliz presagio para o futuro.

EEL. Os Deoses recompensão a tua piedade, e protegem sempre o homem virtuoso, que os respeita. Porém nós devemos venera-los ainda com maior submissão quando esperamos algum a-

contecimento notavel. Como se virá finalmente a concluir o negocio, que a ambos nos tem suspensos. Sim, Albano, agora que estamos sos, podemos fallar no nosso segredo sem algum reccio, (*Olha para todas as partes.*) Qual será o destino de Alcina, que tambem he filha dos meus cuidados? Os Deoses me conservem a vida até chegar a ver este dia. Ha desaseis annos, que ma entregáraõ. Guardai-a cuidadosamente, me disse entaõ o que a trazia, como a hum precioso thesouro; a seu tempo receberéis a recompensa devida ao vosso trabalho. Adverti principalmente em sepultar no coração este segredo.

ALB. Os Deoses certamente os destinaõ para cousas grandes. Evandro he o pastor mais gentil de toda esta terra: he formoso,

como a estatua do Templo de Delfos; he prudente, como hum homem, a quem os annos tem feito experimentado; he valeroso, como Hercules, e não temeria pelear corpo a corpo, com hum leão; na luta, na carreira, e em todos os exercicios, que demandão força, e agilidade, não ha quem o possa igualar; e as suas canções são tão engraçadas, que parece que o mesmo Apollo lhas inspira.

FEL. Alcina não leva menos vantagem a todas as outras raparigas destes contornos: he formosa como as Graças, e nella se encontraõ unidas todas as bellezas, que fazem perfeita a qualquer pastora; ella vence as suas companheiras, bem como a rosa excede as flores de nossos prados.

ALB. O ardor, com que elles reciprocamente se amaõ, não dei-

xa de inquietar-me , bem que por outra parte me dê alguma esperança. Talvez será vontade dos Deoses , que elles se amem : mas... nós não a podemos conhecer. Eu espero , que a Providencia os não separará ; a nós porém não compete dispôr da sua sorte , como se fossem nossos filhos ; talvez brevemente os viraõ recobrar das nossas mãos. Não podemos pois consentir na sua união , e he justo que tomemos a resolução de lhes desvanecer toda a esperança.

FEL. Dizes bem , Albano. Espero , que em pouco tempo viremos a conhecer estes segredos. Eu sou impaciente por genio , e por isso desejo , ainda mais que tu , ver já chegado este momento.

ALB. Os Deoses disporáõ tudo , como for melhor. Quanto sentiria eu ver frustradas as minha esperanças ! Ambos elles são dignos

de toda a felicidade. Quanto me afflige não poder condescender com seus amorosos desejos ! Porém não ha remedio , senão recorrer a algum pretexto , com que disfarçemos os verdadeiros motivos da nossa repugnancia. A mentira sempre me foi aborrecida ; porém a que agora premedito he innocente , o Ceo ha de perdoar-ma. Nós lhes diremos a ambos , que na mesma noite tivemos hum sonho , que nos não permite consentir na sua uniaõ.

FEL. O pretexto está bem ideado. Já que nos he necessario engana-los , não podemos certamente usar de melhor traça ; pois de outra sôrte mal nos poderiamos livrar de suas instancias. Mas fica-te embóra , Albano ; he tempo , que eu torne para o meu campo. Aqui vêm teu filho ; passarei por detraz deste vallado , para que elle me não veja.

ALB. Eu tambem me retiro. Não quero topar-me com elle , para lhe não dar occasião a que me inportune com os seus rogos.

SCENA II.

EVANDRO. *Só.*

Ha muito tempo, que a ando procurando, mas não he possível encontra-la. Ella não está aqui; não está na fonte, nem debaixo destas avelleiras. Pois este he o lugar, aonde se devia achar. Talvez que sua mãe de proposito lhe dêsse alguma occupação. (*Olha para todas as partes.*) Parece-me que não foi outra cousa. Reparo tambem que meu pai foge de mim; parece temer, que eu lhe falle em Alcina. Não sei que juizo possa fazer de tudo is-

to. Por ventura levará a mal, que eu ame huma pastora, tão digna de ser amada? Porém elle mesmo a julga superior a todas as suas companheiras. Este modo de proceder inquieta-me, e inquieta-me muito. Porém aonde estará Alcina? Porque não virá? Em quanto a estou esperando, quero gravar seu nome no lizo tronco desta arvore. (*Tira huma faca*) Tu conservarás seu nome, e o meu, ó arvore ditosa, e serás a mais bella de todas quantas te rodêão: tu não tens que temer os golpes do machado; o passageiro ao ver-te dirá: esta arvore he consagrada ao amor.

SCENA III.

ALCINA , EVANDRO.

(*Em quanto Evandro grava na arvore o nome de Alcina, chega esta, e passando escondidamente por detraz delle, lhe põe as mãos nos olhos.*)

ALC. Adivinha quem he?

EV. O' Alcina, minha querida Alcina!

ALC. Yê, que te enganas.

EV. Não, não me engano. E aonde te demoraste tanto tempo?

ALC. Está bem, já que te não enganas, dá-me os braços. (*Tira-lhe as mãos dos olhos, e abraçaõ-se.*) Foi o pastor Aleixo, que me deteve, e talvez que ainda me venha seguindo. Que pezado me he o seu amor!

EV. O' Deos! elle aqui vem.

S C E N A IV.

ALCINA, EVANDRO, ALEIXO.

AL. (*Para Alcina*) Oh !
bem me parecia que havias de
achar aqui a Evandro. Evandro
naõ tem quem o iguale na luta,
na carreira, no cantar, e em
ser bem visto das pastoras. O'
Evandro, quantos cordeiros te-
rás ganhado cantando ao desa-
fio !

ALC. Já ha muito tempo, que
sabemos isso.

AL. Ora quero fazer-vos rir da
simplicidade de Silvio, que es-
tando sentado ao pé desse car-
valho...

ALC. Já ha mais de cem an-
nos, que rimos com essa historia.
Mas... que queres tu d'aqui ?

AL. Ora não te agonies. Volta para mim os olhos com amizade, e isto só basta para...

ALC. (*Olha para elle com ar de desprezo.*) Ah! tens o que pertendes. Agora vai-te.

AL. Isso não he o que eu queria. Tu, Alcina, me tratas com demasiado rigor. Quero agora cantar-te humna cantiga, que esta manhã....

ALC. Mas se eu a não quero ouvir.

AL. Não importa; eu sempre canto.

ALC. Canta, canta, que já tapei os ouvidos.

AL. Evandro, tu estás muito valído entre as nossas pastoras, mas nem por isso tocas flauta melhor que eu. Aqui está humna, que fiz ante hontem; he excellente. Já ganhei com ella duas cabras a dous pastores, que de-

safiei ; e estou certo , que tu mesmo te has de confessar vencido : ouve . . .

EV. Não he necessario ; já sem te ouvir , me reconheço vencido.

AL. Vamos , eu aposto as minhas melhores cabras.

ALC. E eu aposto hum rebanho inteiro , que não ha homem mais insupportavel , do que tu. Queres estar a papaguear eternamente ? Tu es como huma silva , que se pega aos vestidos de quem vai passando ; fizeste juramento de me não largar hum só instante.

AL. Ah ! Já vejo que quereis ficar sós.

EV. Custou-te bem a adivinha-lo.

AL. Então já me retiro (*Vai-se , e logo volta.*) Mas esquecia-me huma cousa , que tinha de vos contar. Hontem , ao pôr do Sol , fui á praia do mar , e . . .

ALC. Ainda não acabaste ?

AL. Ainda eu não principiei. Estando pois na praia, encontrei o pescador Algão, que andava lançando as suas redes. Pouco antes que o Sol se puzesse, me disse elle, vi cinco embarcações grandes, que estavaõ ao largo, e disse-me tambem, que lhe parecia que vinhaõ aportar a esta praya, se he que já não chegáraõ...

ALC. Mas... ninguem embarça as embarcações, que aportem, nem a ti que te vás embora.

AL. Está bom, eu vos deixo já.

S C E N A V.

ALCINA, EVANDRO.

ALC. Ausentar-se-hia finalmente esse importuno? (*Olha para*

todas as partes) Sim, já lá vai : mas ainda que me estivesse escutando por detraz desses ramos, não deixaria eu de abrir-te o meu coração, ó meu amado. Seguro que tinha tanta impaciencia de te ver, como tem huma andorinha de voltar a seus filhos, quando hum menino maligno a apanhou, e a tem preza em suas mãos. Por mais que a afague, ella está inconsolavel, e vigia toda a occasião de lhe fugir. Ella não volta para o ninho com tanta diligencia, como eu puz em correr a procurar-te, e em escapar de Aleixo, que intentava deter-me.

EV. Ah minha querida Alcina ! Quanto me faz ditoso hum amor tão terno ! Passando agora junto de huma rozeira, colhi estas rozas. Vê, como estes dous botões se enlaçam, e florescem jun-

tos. Os suaves cheiros, que exhalaão assim unidos, sobem ao ar misturados: ellas conservaráõ esta doce uniaõ ainda quando se murcharem. Põe, ó minha amada, põe ao teu peito esta imagem fiel do nosso amor.

ALC. Sim, Evandro, eu as vou pôr ao peito. Olha como são formosas! Eis-aqui tambem como a nossa uniaõ nos faz mais bellos.

ÉV. Assim havemos de passar os nossos dias. Elles seráõ suaves, como o cheiro, que exhalaão estas rozas.

ALC. Os nossos corações unidos se haõ de abrir, como ellas, ao mesmo tempo. Mas dize-me, esperaste muito tempo por mim?

ÉV. Não; mas quando te não vejo, todos os instantes me parecem vagarosos.

ALC. Eu não tive pouco susto, quando, ao vir para aqui, encon-

trei atraz deste bosque a Aleixo, a quem amo tanto como as ovelhas amaõ os lobos. Estava parado no meio do caminho. Todas as pastoras, que por aqui passaõ, me disse elle, tem obrigação de me darem hum beijo, por direito de passagem. Deixame ir, lhe tornei eu agoniada: porém certamente naõ deixaria de perseguir-me, se me naõ occorresse perguntar-lhe de quem era huma bezerra branca, que andava correndo pelo paúl, e que infalivelmente se tinha desgarrado. Elle foi a olhar, e eu entre tanto escapei por outra parte, e já tinha corrido hum bom pedaço, quando o mofino percebeo a logração, e se poz a correr atraz de mim com toda a força. Mas que tens, que estás taõ pensativo?

EV. Eu?

ALC. Sim , tu ; parece que tens de dizer-me alguma cousa , que te afflige. Vamos , não me inquietes.

EV. Eu ... não sei se to diga.

ALC. Se mo não dizes , ainda fico com maior cuidado.

EV. Pois a dizer a verdade , o que me inquieta são as domoras , com que meu pai retarda a nossa felicidade. Parece que foge de se achar só comigo ; e quando o não póde evitar , se vou a fallar-lhe do nosso amor , como que se perturba , e responde-me sempre com palavras vagas , e duvidosas.

ALC. O modo , com que minha mãe procede a este mesmo respeito , me causa igual cuidado.

EV. Elle hontem offereceo aos Deoses as primicias das cinco arvores , que plantou na minha primeira primavera. Eu passei casualmente por aquelle sitio ; e pa-

ra o não perturbar, me escondi entre os ramos, e lhe ouvi proferir esta oração: Deoses benignos, escutai meus votos, e aceitai minhas offertas. Sede favoraveis a meu filho, cumpri, para sua felicidade, o extraordinario destino, que o espera. Elle continuou a orar; porém o vento, que movia as folhas, me não deixou ouvir mais cousa alguma.

ALC. Ah! quanto desejo, que o Ceo escute favoravel os seus rogos!

EV. Qual será o destino, que me espera? Permittaõ os Deoses, que seja feliz. Ah! só o teu amor me póde fazer ditoso.

ALC. Meu amado, não nos affijamos com estas tristes ideas. Nunca recêemos hum infortunio, que talvez nunca acontecerá. Vamos, recobra a tua alegria. Mostra o semblante risonho á tua Al-

cina. Olha, cantemos ambos aquella canção, que he tanto do nosso gosto.

EV. Quando estou comtigo, todos os meus cuidados desaparecem. Principia, que eu cantarei depois.

ALC. Eu principio já.

Quando foge a Primavera,
E Zéfiro os campos deixa,
A Natureza se queixa,
Flora saudosa suspira,
Séca o prado, a rosa expira,
De nós se ausenta o prazer.

Assim, ó caro,
De ti distante,
Meu peito amante,
De dor ferido,
Sinto abatido
Desfallecer.

EVANDRO.

Quando a fresca Primavera
A's nossas campinas volta,

A alegria vôa sulta,
Recobra o prado a belleza,
Renova-se a Natureza,
Torna o rizo, e o prazer.

Assim, ó cara,
Foge o desgosto,
Quando o teu rosto
Gentil diviso:
Teu doce rizo
Me faz viver.

AMBOS.

Sim, bem amado,
Juro adorar-te,
Ser firme juro,
Por este puro,
Sagrado asylo
Do nosso amor.

ALCINA.

Quando o Inverno preguiçoso
Prende o abelha diligente,
Ella geme impaciente
Pela alegre Primavera,
O descanso mal tolera,
So deseja trabalhar.

A tua Alcina
Igual dôr sente ,
Vendo-se ausente
Do doce emprego ,
Está sem socego
A suspirar.

EVANDRO.

Quando os arcos embalsama
A encarnada rosa aberta ,
Alegre a abelha desperta ,
Ao trabalho se destina ,
E por toda esta campina
Corre as flores a libar.

Assim , por ver-te ,
Apresso os passos ,
Entre teus braços
Assim me lanço ,
Onde descanso
Só posso achar.

AMBOS.

Sim , bem amado ,
Juro adorar-te ,
Ser firme juro ,
Por este puro ,

Sagrado asylo
Do nosso amor.

S C E N A VI.

ALCINA , EVANDRO , ALEIXO.

AL. Cantais excellentemente.

ALC. Como ! pois já voltaste ?
Ou não te foste ainda embora ?
A graça não estaria má.

AL. Eu retirei-me , e ao voltar
ouvi sómente as ultimas palavras
da vossa cantiga.

ALC. E então que queres agora ,
mofino , impertinente ?

AL. O affecto , que te tenho ,
he que me fez aqui tornar. Vós
estais entretidos a cantar , e a
dizer finezas hum ao outro , sem
reparar no que se passa aqui bem
perto. Não ouvís na praia hum
grande estrondo ?

EV. E de que procede elle?

ALC. Os navios, de que fallava
Algano, já chegáraõ.

AL. E entaõ, que temos nós
com isso?

ALC. Nada ; se estais ainda
com animo de zombar de mim.

EV. Acaba o que querias dizer.

AL. Já não tenho nada que di-
zer.

ALC. Ora faze tambem papel
de homem picado ! Falla , falla.

AL. Os estrangeiros, que vi-
nhaõ nos nãvios, já desembarcá-
raõ, e estaõ levantando as suas
tendas de campanha neste arvore-
do visinho. Eu queria avisar-vos,
para que elles vos não apanhas-
sem descuidados, pois que ainda
não sabemos os seus intentos, e
julgo, que aqui não estais se-
guros.

ALC. Eu te agradeço, Aleixo,
esse cuidado. Na verdade estou

cheia de susto. Vamos , vamos d'aqui já.

ACTO II.

SCENA I.

(*Vista de barracas ao longe por entre as arvores.*)

PYRRO , ARATES.

PYRR. Com que impaciencia desejo tornar a ver meu filho ! Agora posso dar-lhe sem receio todas as demonstrações da minha ternura. Hum Oraculo me ordenou , que o deixasse viver desoito annos occulto entre os pastores ; e agora justamente tem passado desoito Primaveras , desde que elle vive. Quando o enviei

para este sitio, era taõ bello, como se costuma pintar o amor. Espero, que elle naõ terá degenerado dos principios naturaes de virtude, e probidade.

AR. Eu naõ estou menos desejoso de ver já este novo Principe. Que felicidade seria a nossa, se ambos achassemos nossos filhos no estado , em que desejamos ! Ila desaseis annos, como bem sabeis, que mandei minha filha para este mesmo lugar, obedecendo á ordem, que o Ceo me intimou em hum sonho. Agora, antes de me embarcar , offereci sacrificios aos Deoses domesticos, os quaes, apparecendo-me duas vezes, me promettêraõ, que os votos, que eu tinha feito pela felicidade da minha familia , me seriaõ satisfeitos.

PYRR. Os Deoses se dignem attender aos nossos desejos ! Talvez que meu filho deixe com pezar

o socego, de que goza entre os pastores, e a fresca sombra destas frondosas arvores. As bellezas rusticas do campo fazem em mim humma impressaõ taõ doce, e taõ vehemente, que penetra até o intimo de minha alma. Parece-me que respiro hum ar mais puro, e sadio neste asylo da bella, e simples natureza. Sinto os mesmos effeitos, que experimentaõ aquelles, que depois de humma dilatada, e triste ausencia, voltaõ outra vez ao paiz, aonde nascêraõ.

AR. O nosso modo de viver he, na verdade, taõ desviado da primitiva simplicidade da natureza, que ella nos he já inteiramente estranha: e a imagem da vida campestre deve fazer grande impressaõ em todos aquelles, em cuja alma o costume de viver nas Cidades naõ tem inteiramente abafado o gosto desta nobre simplicidade.

PYRR. Ha já huma hora, que espero por meu filho. Ahi vem hum moço de taõ bom parecer , que se fosse este, ficariaõ bem cumpridas as minhas esperanças. Elle vem direito a nós.

S C E N A II.

PYRRO , ARATES , EVANDRO.

EV. Senhores, o Ceo vos guarde.

PYRR. Bom dia, pastor. Que motivo te traz aqui? He curiosidade, ou negocio?

EV. He curiosidade. Para nós sempre he cousa nova ver gente da Cidade. Porém dissei-me, Senhores , naõ viestes na companhia do Principe de Crissa, que honrem aportou a esta praia?

AR. Viemos, sim.

PYRR. Dize-me, pastor, não largarias de boa vontade a triste vida, que aqui levas, para vires connosco para a Cidade?

EV. Eu ! Deos me livre. Fui huma vez a Delfos, sendo ainda pequeno. Andava pasmado de tudo quanto via. Mas nem por isso quero trocar as nossas formosas campinas pela Cidade, aonde he necessario correr tantas ruas, antes que a gente chegue ao campo livre.

PYRR. Como és simples ! Tu facilmente te costumarias ao nosso modo de viver.

EV. Havia de custar-me muito a ir morar entre gente, que tem costumes tão diversos dos nossos. Zombaõ da nossa simplicidade : mas o certo he, que nem por isso somos menos felizes. Elles necessitaõ de infinitas cousas, para contentarem os seus desejos ; nós

porém vivemos satisfeitos com o que possuímos; cultivamos os campos em paz; cuidamos dos rebanhos, e a sua fecundidade he toda a recompensa de nossos trabalhos. Na opinião dos da Cidade, a nossa abundancia não he mais que pobreza. Não pôde haver idea mais extravagante. Não, Senhores, eu não desejo voltar a Cidade. Quando lá hia, parava a cada passo, ficava pasmado, olhando para essas casas grandes, que são tão altas, como os montes, e cujos moradores são mais pequenos que nós. A gente, que passava, mofava de mim, e principalmente quando eu lhe fazia alguma pergunta. Pastorinho, dizia hum, sabes cantar? Sim, sei, respondia eu, e então cantava muito alto a mais bonita cantiga, que sabia. Ajuntava-se muita gente ao redor de mim, e

zombavaõ do meu canto. Pois eu certamente canto bem , e todos os pastores o confessaõ. As mulheres da Cidade tambem me naõ agradaõ. Quando eu saudava alguma cortezmente, ella hia andando o seu caminho, como se me naõ visse; e quanto a mim, naõ saõ taõ formosas, nem taõ galhardas, como as nossas pastoras.

PYRR. Se tu me amasses tanto, como eu te amo, naõ te escusarias de vir comigo.

EV. Assim que vos vi, logo vos cobreí afeição. Mas será justo, que, para vos acompanhar, desampare a meu pai, a quem tambem amo, e cuja velhice demanda a minha assistencia? Elle cuidou de mim com o maior desvelo na minha infancia; naõ devo eu recompensar-lhe este beneficio na decadencia de seus an-

nos? Deixai-vos antes, Senhores, ficar nestes campos: nós vos daremos o melhor de nossas arvores, e de nossos rebanhos. Porém estou aqui perdendo o tempo, e não me dizeis, aonde poderei achar o Príncipe?

AR. Dize-nos o que lhe que-
res.

EV. Meu pai me mandou trazer-lhe esta fruta. Eu a colhi das arvores, que elle mesmo plantou ha desoito annos, quando eu entrava na minha primeira Primavera. A fruta, que aqui trago, he madura, e doce, como o mel. Mas dizci-me, Senhores, aonde estará o Príncipe?

PYRR. (*Para Arates.*) O Deos-
ses! meu filho tem aquella mesma
idade. A pessoa, a quem o entregá-
raõ, havia de plantar arvores nes-
sa Primavera. Arates, ah! se este
fosse o meu filho!

AR. A vossa conjectura he bem fundada. Que outro pastor vos havia de mandar este presente ?

EV. Com que não quereis dizer-me aonde está o Principe ? Pois' então vou-me embora ; tenho ainda muito que fazer no nosso pomar, e tambem são horas de ir cuidar do rebanho. De mais, a minha pastora está-me esperando na fonte.

PYRR. Ora pois, sabe, pastor, que eu sou o que procuras.

EV. Sois vós o Principe de Crissa ?

PYRR. Sim, eu sou. Aonde está teu pai, e qual he o seu nome ?

EV. Meu pai mora atraz daquellas arvores, e chama-se Albano.

PYRR. (*Para Arates*) Ah meu amigo ! Não sei como não corro já a abraça-lo. Aquelle he o nome do pastor, a quem entregaráo meu filho.

AR. Eu estou quasi certo , que elle he este.

EV. Olhai ; aqui vem meu pai.

S C E N A III.

PYRRO, ARATES, ALBANO, EVANDRO, hum Criado de Pyrro.

CRIA. (*Para Pyrro.*) Senhor , este he o homem , a quem , ha desoito annos , entreguei vosso filho.

PYRR. (*Para Albano.*) Sois vós , meu amigo , a pessoa , a quem , ha desoito annos , se entregou hum menino ?

ALB. Sim , Senhor , eu sou , e csse menino he o que agora vos vem offerecer esta fruta da minha parte. Ella foi colhida das arvores , que plantei na mesma Primavera , em que o recebi , e es-

te he o escrito fechado, que juntamente com elle me entregárao.

EV. O' Deoses ! que he o que escuto ?

PYRR. (*Para Evandro.*) Ah ! que não me enganei. Dá-me os braços : tu és o meu filho : vem abraçar a teu venturoso pai. (*Abrçaõ-se.*)

EV. (*Para Pyrro.*) Meu pai , os Deoses vos abençoem.

PYRR. Sim , eu sou teu pai. Pouco depois do teu nascimento me ordenárao os Deoses , que e apartasse da minha companhia , te para lhes obedecer , confiei deste pastor o cuidado da tua infancia.

EV. (*Para Albano.*) E então tu não és meu pai ? Ah ! eu te darei sempre este nome , que tão justamente merece o amor , com que em todo o tempo me traste.

PYRR. Aceitai , benignos Deo-

ses, as minhas acções de graças, por me haverdes dado hum filho tão sensível, e tão grato. Mas como poderei eu, meu amigo (*para Albano*) recompensar-te a obrigação, que te devo?

ALB. Sejaõ louvados os Deoses, pois se dignáraõ de cumprir os meus votos. Eu me darei por bem pago do cuidado, com que eduquei a Evandro, se elle for feliz, e se não esquecer nunca de me amar. Todos os mais bens me são desnecessarios.

PYRR. Ah! pastores, quanto he digna de inveja a vossa sorte! Mas, Arates, não he justo, que eu me entregue por mais tempo aos transportes da alegria, sem dar graças aos Deoses por tão grande beneficio. Vamos já offercer-lhes hum sacrificio. E tu, meu filho, demora-te aqui, que eu brevemente volto. A minha

Corte vem logo procurar-te, desejosa de ver o seu Principe, e cheia de gosto, pelo haver recuperado.

SCENA IV.

EVANDRO. *Só.*

Estou fóra de mim; não sei se durmo, ou se estou acordado. O que devo fazer, em quanto estou só, he ir procurar Alcina, e contar-lhe o que succede. Mas para aqui se encaminha não sei quem. Que homem será este, que me faz tão profundas cortesias?

S C E N A V.

EVANDRO, hum CORTESAÕ.

CORT. Meu Principe, dai-me licença, para vos mostrar o jubilo, e alegria, que me transporta.

EV. Por que razaõ, meu amigo?

CORT. Por se haver finalmente cumprido a vontade do Oraculo, e ser chegado o tempo, em que haveis de deixar essa vida triste, e humilde, a que a sorte rigorosa condemnou os primeiros annos da vossa vida.

EV. Eu louvo os Deoses, pelo haverem assim ordenado. Em nenhum tempo me esquecerei dos dias felizes da minha mocidade, e dos agradaveis exercicios, e innocentes prazeres.

CORT. Prazeres innocentes !

Ha , ha , ha ; meu Príncipe , vós ainda não conheceis o prazer. Vinde para a Corte , e só ahi o haveis de encontrar. Eu certamente nunca daria graças aos Deoses , por me desterrarem para estes montes.

EV. Pois julgar-te-hias infeliz , se te viesses obrigado a morar em hum sitio tão delicioso como este ?

CORT. Talvez me não desagradasse , se tivesse comigo huma sociedade de meu gosto.

EV. É não experimentas huma agradável sensação á vista das belezas da natureza , humas vezes simplicies , e outras variadas ?

CORT. Só quem não conhece outra cousa melhor , he que pôde encontrar nisso algum prazer.

EV. Quando huma formosa Aurora raia sobre os outeiros cobertos da verdura ; quando ella desperta os passarinhos , e anima

as flores, não sentes prazer algum?

CORT. A Aurora ! He cousa ,
que nunca ví.

EV. Nenhum pastor certamente
invejará essa felicidade.

CORT. Não dúvido. Elles não
saõ capazes de comprehender a
felicidade , que eu possôo.

EV. Mas dize-me, quem és tu?

CORT. Eu , Senhor, pertengo
á Córte.

EV. E qual he a tua occupaçaõ
na Córte?

CORT. (*A parte.*) Supponho
que entende , que ando lá apas-
centando algum rebanho. (*Para*
Evandro.) Qual he a minha oc-
cupaçaõ? He vestir-me magnifi-
camente , ter huma mēza esplên-
dida , dançar , inventar diverti-
mentos novos , cortejar as da-
mas...

EV. E não tens mais nada ,
em que te occupes?

CORT. Mais nada. Que mais querieis vós, que eu fizesse ?

EV. Pois nós, que somos gente simples, não chamamos occupação, senão áquillo, que nos faz uteis aos outros homens. Quando trabalhamos para elles, julgamos trabalhar para o nosso proprio prazer, e felicidade; e estimamos mais a industria da abelha, do que o inutil enfeite da borboleta.

CORT. (*A' parte.*) O' Ccos, que baixeza de pensamentos ! Como o nosso Principe mostra bem, que foi creado entre rusticos ! (*Para Evandro.*) A gente ordinaria passa a vida trabalhando, e afadigando-se, para ganhar de comer ; porém só nós os homens de Côte he que sabemos viver. Huma perpetua variedade de prazeres dissipa continuamente todas as ideas, que poderiaõ entris-

tecer-nos. Nos espectáculos públicos pagamos a homens, que para nos divertirem, muitas vezes rebentaõ, ou se aleijaõ, ou que talvez, para conseguirem o nosso applauso, expõem a vida, correndo em cavallos bravos, e indomitos. As pessoas da nossa qualidade nunca se arriscaõ a semelhantes perigos : nós temos o privilegio de passar a vida nos deleites, e na ociosidade. Corremos de prazeres em prazeres, e com a mesma variedade cortejamos todas as damas. Todas as da Côrte se rendêraõ já aos meus obsequios; mas nenhuma pôde queixar-se de que eu lhe fosse constante.

EV. Se assim he, ou tens hum coração taõ enregelado, como as nossas plantas no rigor do inverno, ou essas damas são fêas em demazia.

CORT. Ellas são das mais formosas ; mas eu gósto tanto da variedade , que me he impossivel amar alguma dellas com perseverança. Esta fidelidade entre a gente civilizada he cousa de riso. Suspirar sempre pelo mesmo objecto ? ha , ha , ha... Já hum vez em minha vida, por sinal que ha bastantes annos, se me metteo em cabeça querer ser constante ; porém soube libertar-me desta tyrannia. Verdade he, que a dama era mais formosa, que a Deosa Venus. Ainda assim, parece-me que sempre cheguei a ama-la quazi hum dia inteiro, o Ceo me perdoe. Ha , ha , ha...

EV. Não póde haver maior loucura. (*A parte.*) Compadeço-me da tua ignorancia. Sabes tantas cousas, e não sabes, que a felicidade de amar he a maior, que os Deoses concedêrão ao ho-

mem. Mal sabes o que perdes em seres tão pouco sensível ao prazer mais delicioso da vida. Quando assim fallas, acho-te tão pouca razão, como se me disseses que a pera saborosa amarga, e que o cheiro da rosa he desagradavel ao olfato.

CORT. Esse modo de pensar, meu Principe, não me admira, attendendo a educação, que tivestes ; mas estou certo, que vós mesmo o haveis brevemente de achar ridiculo.

EV. Nunca os Deoses o permittaõ. Mais facil será produzirem esses matos saborosos pomos, do que mudar eu de pensamento.

CORT. Dai-me licença, Senhor, para me retirar, e aceitai benignamente estes testemunhos do meu respeito.

EV. Pódes auzentar-te : já estou enfadado de te ouvir.

CORT. (*A parte.*) O' Deoses ,
como he simples ! como he ridi-
culo ! He consciencia aparta-lo
dos seus rebanhos.

S C E N A VI.

EVANDRO, O CAPITÃO da Guar-
da de Pyrro.

EV. (*Olhando para todas as
partes.*) Graças ao Ceo , que se
auzentou. Nunca vî homem mais
enfadonho. Mas he necessario per-
guntar a este , que aqui vem ,
por que razãõ anda assim carre-
gado de armas. Quem és tu, meu
amigo ? Que significa todo esse
terrivel apparatus ? Para que trazes
na mão essa vara guarnecida de
ferro ? Que he isso , que trazes
pendente ao lado ?

CAP. Esta , meu Príncipe , he
a minha espada.

EV. Mas para que andas carregado dessa maneira, em tempo de paz? Eu certamente zombaria de hum homem, que pelo Inverno trouxesse consigo todos os instrumentos, de que se serve no Verão, para cultivar os campos, ou os pomares.

CAP. Eu sou o Commandante da guarda do Principe vosso pai.

EV. Então tens mais companheiros? E andais sempre apercebidos desse modo?

CAP. Sim, Senhor, somos muitos, e sempre assim andamos preparados. Ha, ha, ha... Perdoai-me, meu Principe, não posso conter o riso.

EV. Viveis por ventura em algum paiz, aonde estejais sempre expostos a contínuos perigos?

CAP. Porque dizeis isso, meu Principe?

EV. Porque vejo que andais

sempre apercebidos. Talvez se-
reis lá infestados dos lobos , e
de outros animaes carniceiros. Nós
certamente não necessitamos de
tantas precauções. As feras raras
vezes acommettem nossos reba-
nhos. O vosso paiz não ha de
ser bom para os gados.

CAP. Na região , em que vive-
mos , não se conhecem esses ani-
maes ferozes , senão pelo nome.

EV. Então sem necessidade guar-
dais o vosso Principe com tanto
cuidado.

CAP. Sem necessidade, Senhor ?
O nosso Soberano póde ter entre
seus mesmos vassallos inimigos
encobertos , os quaes devemos
desviar de sua pessoa.

EV. Muito má gente ha de
ser essa , e entre ella não quizé-
ra eu viver. Isso he o mesmo ,
que se guardassem hum pai de
seus proprios filhos. Ceos ! para

que terra me quereis levar! Porém vós certamente haveis de ter outra occupação, além da de guardar a pessoa de vosso Soberano.

CAP. Sim , meu Principe , nós tambem o acompanhamos na guerra. Quando hum Rei quer estender os seus dominios , marchamos com grande numero de tropas para as terras dos Principes visinhos , os quaes nos sahem ao encontro com outros tantos homens armados , ou talvez com mais. Formaõ-se ambos os exercitos em batalha: trava-se a peleja , cada hum mata os mais que póde , levantaõ-se aos mais valerosos ...

EV. Espera , espera , que entendes por homem valeroso? A quem dás tu esse nome?

CAP. (*A parte.*) O' Deoses , que simplicidade ! Já vejo que he necessario fallar-lhe como a hum

menino; não tem idea alguma da gloria, nem do valor. (*Para Evandro.*) Os mais valerosos são os que tem morto maior numero de inimigos, e que lhes tem feito maiores estragos. Para illustrar sua memoria, lhes levantamos estatuas de marmore, ou de bronze.

EV. Isso he horroroso. Basta, não quero saber mais: ainda estou tremendo do que te ouvi. Mas meu pai certamente não he Principe cruel.

CAP. Não; Pyrro he hum Rei pacifico; e por isso passamos socegadamente os nossos dias nos honrosos postos, que occupamos no seu serviço. Elle nos não dá jámais occasiões de adquirirmos gloria.

EV. E tu queixas-te disso? O' Deoses! A destruição, e a morte dos outros homens são entre

vós meios de adquirir gloria? Eu estou certo, que nós olhariamos com horror para hum homem, que se apossasse por força do campo do seu visinho. Esta injustiça com tudo seria bem pequena, em comparação das crucis violencias, que acabas de referir-me.

CAP. Assim he; porém o cazo he muito diverso. Esse homem iria a enforcar irremissivelmente.

EV. Ah ! já não tenho soffrimento para ouvir mais. Retirate: o meu coração clama contra tudo o que me tens dito. Já não quero saber mais; não quero ver pessoa alguma... Mas aqui vem outro.

S C E N A VII.

EVANDRO , outro CORTESAÕ.

CORT. Senhor , dê-me V. Alteza licença (*Faz huma profunda reverencia*).

EV. Que celebre homem he este ! Tu que queres ? andas procurando pelo chaõ alguma cousa, que perdesses ?

CORT. Naõ , meu Principe : eu só pertendo , que V. Alteza aceite benignamente esta demonstração do profundo respeito, com que eu... (*Prostra-se por terra.*)

EV. Está galante ! Eis-ahi justamente o que faz o meu caõ, quando me naõ tem visto ha muito tempo. Mas para que te humilhas desse modo ?

CORT. Para implorar , Senhor , a vossa protecção ; e protestar ,

que sou o mais fiel de vossos escravos.

EV. Escravo ! compadeço-me do teu destino. Por que infortunio cahiste em tanta miseria ? Eu sempre ouvi dizer , que os homens não podião chegar a estado mais triste , e lastimoso.

CORT. Eu , Senhor , não sou desses escravos , a quem o destino privou da liberdade , ou que a perdêraõ por seus delictos. Mas o respeito , com que venero a vossa pessoa , faz com que voluntariamente sujeite a minha obediencia a tudo quanto me quizerdes ordenar. Eu só serei feliz , se....

EV. Tudo o que posso colligir de quanto me tens dito he , que não estás em teu juizo. Retira-te.

S C E N A V I I I .

EVANDRO. Só.

Que casta de gente he esta?
Eu estou fóra de mim. Tomára
que tudo isto fosse sonho... Mas
aqui vem hum homem, cujo as-
pecto me infunde veneração.

S C E N A I X .

EVANDRO, hum SABIO.

EV. Dize-me, meu amigo, se
durmo, ou se estou acordado?
Teu respeitavel semblante me
persuade, que serás homem sen-
sato.

SAB. Não vos enganais, meu
Principe. Eu possuo a chave de
todas as sciencias. Os que se u-

tilizaõ das minhas lições, excedem em sabedoria aos demais homens.

EV. Quanto estimó haver-te encontrado ! Dize-me , sabes o modo de cultivar os campos , e de tratar das plantas ?

SAB. Não , meu Principe.

EV. Tens noticia da maneira de criar os gados , e de curar suas enfermidades ?

SAB. Tambem he cousa , que ignoro.

EV. Pois não conheces a virtude das hervas , e das plantas ?

SAB. Não.

EV. Talvez te dedicarias ás Musas , e serás autor de algumas dessas bellas composições , que delectaõ o espirito , e o recreaõ.

SAB. Eu Poeta ? Os Deoses me guardem.

EV. Não te posso entender. Sabes ao menos o que he util, e

necessario aos teus concidadaõs ,
e o que elles devem praticar , ou
evitar , para serem felizes ?

SAB. Nunca perdi o tempo nessas bagatellas.

EV. Entaõ necessariamente has
de saber alguma cousa muito
mais importante , que tudo isto.

SAB. Certamente. Eu tenho contado as estrellas; fallo as lingoas das nações mais remotas; tenho calculado quantos graõs de arêa cabem no espaço de huma legoa, e ha pouco tempo descobri na Lua huma nova mancha, que tinha escapado ao mesmo Endymiaõ.

EV. Oh Deoses ! como sahiraõ erradas as minhas esperanças ! Vai-te , deixa-me em paz. Estou fóra de mim ; e cada vez cresce mais o meu assombro.

ACTO II.

SCENA I.

ALCINA , FELICIA , hum CRIADO
de Arates.

ALC. Vedes , minha mãe? Alli
estão as barracas. Eu certamente
vou fallar a esta gente com mui-
to susto.

FEL. Não tenhas receio, minha
filha. Estes Senhores da Cidade
tratão as pastoras com muito a-
grado.

ALC. Pois , por isso mesmo ,
não gosto delles.

CRIA. Esperai aqui hum pouco.
Eu vou dar parte a meu amo, de
que estais aqui.

S C E N A II.

ALCINA, FELICIA.

ALC. Mas dissei-me, minha mãe, esta capella de flores estará bem assim? Porém vós nunca me dais tempo para tecer novas grinaldas, nem para ver na fonte como ellas me ficam. Estes Senhores certamente hão de dizer, que eu sou. . .

FEL. Ora só isso me faria rir. Eis-ahi como são as pastoras; não ha homem algum, a quem não queiraõ parecer bem.

ALC. Não, eu certamente só quero parecer bem ao meu pastor. Mas porque me não dizeis. . .

FEL. Sim, sim, menina, sucega; essas flores ficam-te excellentemente.

ALC. Não he isso o que vos

pergunto. Dizei-me, que viemos nós aqui fazer? Tomára já ver-me fóra deste lugar.

FEL. Minha querida filha, aqui saberás cousas, que te causarão grande admiração. Daqui a pouco deixarás esta terra, e a minha cabana.

ALC. Eu? eu deixar-vos? Tal não farei. Para que me quereis affligir com esses ditos?

FEL. Minha filha, tu has de ir para a Cidade com estes Senhores.

ALC. Não vou certamente. Antes me irei esconder nesse bosque, do que ausentar-me na companhia de semelhante gente. Minha mãe, vinde comigo, antes que chegue alguém, senão fujo só.

FEL. (*Detendo-a.*) Espera, espera, aonde vás?

ALC. Pelo amor de Deos, deixai-me ir embora.

FEL. Ouve o que te quero dizer. Aqui acharás teu verdadeiro pai.

ALC. Meu pai ?

FEL. Sim ; eu não sou tua mãe, ainda que te amo mais do que se fosses minha filha.

ALC. Se me amasseis, não me estarieis dizendo cousas, que tanto me affligem.

FEL. Não, minha querida Alcina, eu não sou tua mãe. Tu és filha de hum Fidalgo da Cidade. Ha dezaseis annos, que me foste entregue por este homem, que aqui nos trouxe, em cumprimento de huma ordem dos Deoses, que teu pai recebeo em sonhos. Elle está aqui agora, e vem procurar-te.

ALC. O' Deoses ! Quanto me deixais admirada ! Estou fóra de mim, e ainda não posso crer o que ouvi. Mas vós certamente

me dizeis a verdade, pois não podíeis fazer gosto de me affligir com graças tão peizadas. Sendo isto assim, he necessario, que Evandro, e vós venhais ambos comigo para a Cidade. Haveis de vir; sim? senão tambem eu não vou; certamente não vou. Olhai, não vedes hum Senhor, que sahe daquella barraca? Não póde deixar de ser algum Fidalgo, porque traz hum vestido, que reluz todo com ouro. Que presença tão cheia de bondade! O coração se me alvoroça. Ah! se aqui está meu pai, o Ceo permitta, que seja este.

S C E N A III.

ARATES , ALCINA , FELICIA ,
CRIADO de Arates, duas CRIA-
DAS.

AR. (*A parte para o Cria-*
do.) Fica certo, que hei de sa-
ber premiar o importante servi-
ço, que te deão. He esta a mu-
lher, a quem entregaste minha
filha? (*Apontando para Felicia.*)

CRIA. (*A parte para Arates.*)
Sim, Senhor, esta he. Eu a conhe-
ceria só pelas feições do rosto,
ainda quando ella me não tivesse
apresentado o anel; que já vos en-
treguei. A outra he vossa filha;
he tão formosa, que sentireis gran-
de contentamento em a recuperar.

AR. (*Caminbando para sua fi-*
lha.) Eu te abençoô , minha
querida filha. Deoses! como he

formosa ! A vossa benignidade me concedeo ainda mais , do que eu vos pedia. Minha querida filha , vem abraçar a teu pai.

ALC. Ah ! o coração me dizia, que vós , Senhor , ereis meu pai.

AR. Que pai póde haver mais feliz , do que eu ? Que alegria me banha o coração ! Ah ! minha filha.

ALC. Ah , meu querido pai !

AR. Demos graças aos Deoses, que nos concedêraõ taõ assinalados favores. Ah honrada mulher ! (*Para Felícia.*) que bem succedidos foraõ os teus cuidados !

FEL. Os Deoses quizeraõ abençoá-los. Eu vos entrego, Senhor, a vossa filha , que he sem dúvida a mais amavel menina , que podieis desejar.

AR. Quanto devo estimar a innocencia de seu candido coração ! O teu trabalho , virtuosa pasto-

ra, será bem recompensado. Deixa-me abraçar-te outra vez, minha querida filha. (*Para Alcina.*)

ALC. Com que prazer abraço hum pai, que me ama com tanto extremo.

AR. Felicia póde voltar á cabana, a dispôr á sua vida, e daqui a pouco a mandarei buscar, para ir comnosco para a Cidade. Eu vou agora procurar o Principe, para lhe dar parte da minha ventura. E tu, minha filha, fica com estas mulheres, que eu trouxe comigo, para te servirem. Logo nos veremos na minha barraca.

S C E N A IV.

ALCINA, FELICIA, duas CRIADAS.

FEL. Adeós, minha filha. Nunca te chamarei por outro nome.

Eu volto para a minha cabana.

ALC. A Dcos , minha mãe.
Mas não vos demoreis lá muito tempo ; promettei-me de voltar logo.

FEL. Sim , eu te prometto de tornar , assim que estiver prompta para partir.

SCENA V.

ALCINA , duas CRIADAS.

I. CRIA. Nós , Senhora , temos por grande ventura haver sido destinadas para vos servir.

II. CRIA. Sim , minha Senhora , nós seremos muito felizes , se quizerdes honrar-nos com a vossa benevolencia.

ALC. He bondade vossa , minhas bellas Senhoras , querer mostrar-me tanta amizade na primei-

E

ra occasião , em que me vedes.

I. CRIA. Nós estamos ás vossas ordens , para vos servir em tudo. Este he o ministerio , a que vosso pai nos destinou.

ALC. Nem entendo o que me quereis dizer nisso , nem sei que tenha cousa , em que possa occupar-vos. Como he possivel , que huma só pessoa necessite de tantas cousas , que lhe seja preciso ter outras duas continuamente ao seu lado ? Ella então não terá outra occupação mais , do que estar olhando para as outras com as mãos debaixo dos braços , em quanto estas se occupão inteiramente em a servir.

II. CRIA. Huma Fidalga deve cuidar unicamente em se adornar , e em dar novos realces á sua formosura. Tudo o mais corre por nossa conta. Ao menor aceno executamos todas as suas vontades.

Ella tem sempre mil bagatellas , em que nos occupe.

ALC. Não posso comprehender como isso seja ; e parece-me cousa tão ridicula , como se , podendo eu colher huma flor sem algum trabalho , ordenasse á minha companheira , que a colhesse , para ma dar.

I. CRIA. Ainda que a flor estivesse junto a vós , não devieis ter a incommodo de vos abaixar , para a colher.

ALC. Eu certamente nunca serei tão insolente , nem tão desmazelada , que faça tal.

II. CRIA. Dai-me licença , Senhora , para vos dizer , que deveis esquecer-vos dos costumes do campo , para abraçar os da Côrte. Huma Senhora illustre deve saber portar-se segundo a sua qualidade. Nós temos ordem de vos acompanhar , e de vós dar as instrucções , de que necessitais.

ALC. Eu gosto muito mais dos nossos costumes ; elles são simples , naturaes , e aprendem-se per si mesmos. Entre nós ninguem vem ensinar aos outros como se devem portar , e zombar-se-hia tanto de quem intentasse dar semelhantes lições, como d'aquelle que quizesse ensinar a hum passaro hum canto diverso do que lhe ensinou a natureza. Porém dizei-me , de que modo se vive na Cidade ; pois me está parecendo , que o não hei de achar de meu gosto.

II. CRIA. Pela manhã, quando acordardes , o que nunca deve ser antes do meio dia , porque as Fidalgas não despertaõ á mesma hora , que a gente ordinaria...

ALC. Ao meio dia ? Então não hei de ouvir mais o canto dos passarinhos ao romper da aurora ? não hei de ver nascer o Sol ?

I. CRIA. Esses prazeres, que vós tanto estimais, fariaõ compaixão ás Damas da Côrte.

ALC. Meninas, não posso achar razão no que me dizeis. Já vejo, que devo aparelhar-me para viver de hum modo bem extravagante. O principio não he máo: vamos adiante.

II. CRIA. Em vos querendo levantar, entramos nós no vosso quarto, para vos vestir, e nesta occupação deveis gastar sempre mais de huma hora. Passais depois o resto da manhã em consultar com o espelho, e retocar tudo o que nós fizemos.

ALC. Esses vestidos devem de ser bem extraordinarios, pois que tendo duas companheiras para me ajudarem, não posso estar prompta dentro de huma hora. Aqui, aonde me vedes, estou tão bem vestida, e tão accada,

como qualquer pastora da minha aldêa. Todas as manhãs lavo a cara com agua da nossa fonte, entranço os cabellos, enfeito-os com flores, e faço hum ramo para o peito. Pois assim mesmo, já quando nasce o Sol, estou vestida, e prompta para trabalhar.

I. CRIA. Tudo isso he bom para as pessoas, que vivem no campo.

II. CRIA. Quando chegardes á Cidade, haõ de vir logo todos visitar-vos. Vós sereis o assumpto da conversação em todas as assembleas; os Fidalgos moços virão á competencia fazer-vos côrte; sereis convidada para todo o genero de divertimentos; passareis o tempo em bailes, serenatas, banquetes magnificos, e delicados, e finalmente em mil prazeres de infinita variedade.

ALC. Assim he ; porém todos

esses divertimentos serão á custa da minha liberdade, e certamente me serão pezados, se me obrigarem a condescender sempre com a vontade dos outros, sem poder jámais fazer a minha.

I. CRIA. A vossa formosura necessariamente vos ha de conciliar muitos amantes. Será necessario, (e nisto deveis pôr o maior cuidado) que façais estudo em agradar a todos, e em dar a cada hum delles pouca esperanza. Quantos mais amantes tem huma Senhora, mais excita a inveja das outras. Considerai que grande prazer será para vós ver todós vossos amantes competirem huns com os outros na agudeza dos ditos, na magnificencia dos festejos, e nas outras demonstrações da sua paixão, tudo a fim de que olheis para cada hum delles com maior agrado, do que para os seus com-

petidores. Vós certamente passareis a vida mais deliciosa.

ALC. Seguro-vos , que nunca viverci desse modo.

II. CRIA. Porque ? Não tereis grande prazer em ver todos os Fidalgos moços fazer-vos côrte , e vossas emulas consumirem-se de inveja ?

ALC. Não ; he cousa , em que não acho algum prazer. Eu não posso , nem quero dissimular os meus sentimentos. A ninguém darei a entender , que o amo , se na verdade o não amar , e todos esses Fidalgos me importunaráõ , intimando-me o seu amor , porque certamente nunca hei de amar , senão aquelle , a quem já entreguei o coração.

II. CRIA. Como ! pois vós amais já ?

ALC. Amo , sim , não me envergonho de o confessar. Amo com

todo o coração a hum pastor, e elle me corresponde com igual affecto. He formoso, como o Sol, que nasce; gentil como a Primavera; os mesmos rouxinoes o não igualaõ na suavidade do canto, e...

I. CRIA. Ha, ha, ha. Perdoai-me, minha querida Senhora, mas na verdade não posso já conter o riso. Esse vosso amor pouco cuidado me dá. Assim que chegardes á Cidade, esquecer-vos-heis logo desse pastor. Entaõ ri-reis muitas vezes de vossa primeira inclinação, vendo os Fidalgos da Côrte, e comparando o espirito, e agradaveis qualidades destes com a simplicidade de hum pastor. Pobre pastor! quanto me compadeço da sua sôrte! Elle sim, que nunca poderá recuperar o bem, que perde. Que lamentações não fará o desgraçado! Como estrugirá com as suas queixas todos os eccos deste contorno!

ALC. Não façais zombaria do meu pastor. Eu vos juro , que primeiro me esquecerei de mim mesma , do que chegue a esquecer-me delle. A nenhum dos vossos Fidalgos darei jámais ouvidos. Sim , meu amado , tu serás o unico , a quem sempre adorarei fiel. Estas verdes arvores morreráõ , e o Sol deixará de alumiar esta formosa campina , antes que a tua Alcina te seja infiel. Sim , meu amado , eu faço o juramento...

I. CRIA. Não jureis, Senhora: advertí que vosso pai não consentirá , que façais taõ grande injuria ao vosso illustre nascimento.

ALC. (*Com ira.*) Que quer dizer , o meu illustre nascimento? Pois póde haver nascimento , que não seja nobre , e honrado? Meninas , nada entendo das vossas lições. Deveis instruir-me com menos subtileza , e mais natura-

lidade. Não , nunca poderei entender essas lições. Estou certa , que meu pai he prudente , e arrazoado. Elle não póde querer , que eu deixe o que mais amo , e que ame o que mais aborreço. Com que saudade vos deixarei , deliciosas solidões , frescas sombras , occupaões innocentes ! Eu vos preferirei sempre ao tumulto da Cidade. Porém he forçoso deixar-vos , para acompanhar hum pai , a quem estimo. Mas viria elle aqui buscar-me , para me fazer infeliz ? Ah ! sim , a minha desventura seria inexplicavel , se meu pai quizesse separar-me daquelle , a quem amo mais , que a mim mesma. Ah ! minhas amigas , não me atormenteis com estes crueis receios. Não vos parece , que elles são sem fundamento ?

II. CRIA. (*A parte.*) Ella

certamente não vem para a Cidade, se lhe não damos alguma esperança. Coitadinha! o seu mal está muito adiantado. (*Para Alcina.*) Eu espero, Senhora, que vosso pai não quererá violentar as inclinações de huma filha, a quem tanto ama.

ALC. Eu assim o creio: certamente tal não fará. Eu me lançarei entre seus braços; aperta-lo-hei ao peito tão estreitamente, como a hera abraça o olmo, reforçarei os meus rogos com copiosas lagrimas, e sem dúvida... Mas he tempo de me ausentar; o meu pastor ha de estar impaciente da minha tardança.

I. CRIA. (*Detendo-a.*) Perdoai, Senhora, vós não podeis ainda fallar-lhe

ALC. Por que razão? Que vindes a dizer nisso?

II. CRIA. Temos ordem de vos conduzir á tenda, que vos está destinada, para vos vestirem traje correspondente á vossa qualidade.

ALC. Mas não quero, que me demoreis muito tempo: haveis primeiro de prometter-me de vos aviar em menos de huma hora.

II. CRIA. Por esta vez concluiremos tudo em poucos minutos.

ALC. Cumprí o que prometteis, senão...

S C E N A VI.

EVANDRO. (*Vestido magnificamente.*)

Desembaracei-me finalmente dos importunos, que tanto me demorárao. Ha quanto tempo não vi a minha querida Alcina! Talvez

que até agora me estivesse esperando na fonte. Neste instante de lá venho, mas já era tarde, já Alcina ahi não estava. Debalde a procurei por entre as arvores, que consagramos ao nosso amor. Ah ! com que impaciencia desejo encontra-la ! Saberá ella já o que me tem acontecido ? Tomára contar-lhe tudo ; tomára dizer-lhe, que só ella me póde fazer feliz. Sim, minha amada, só tu podes dar-me toda a felicidade : só em teus braços posso serenar a agitação, que me tem causado tão extraordinarios successos. He verdade, que meu pai ainda não tem noticia do nosso amor ; mas por ventura quererá elle prohibir-me que ame a mais bella, e a mais discreta de todas as pastoras ? Em vão o intentará, pois nunca poderá obrigar-me a faltar aos juramentos, que fiz na

presença dos Deoses. Elle confessará sem difficuldade, que entre todas as Princezas do mundo, nenhuma ha tão digna de amor, como a minha Alcina. Eu a quero procurar outra vez, quero pedir-lhe, que tome o vestido, de que se orna nos dias de festa, e que he tão alvo, como a neve; que teça hum grinalda de flores novas, para enfeitar os seus formosos cabellos. Então a conduzi-rei á presença de meu pai; dir-lhe-hei quantas vezes tenho jurado aos Deoses de a amar sempre, e de amar só a ella... Mas, quere-rá Alcina vir comigo? Poderá resolver-se a deixar esta deliciosa habitação? Como o posso duvidar, se conheço o extremo, com que me estima? O desejo de acompanhar o objecto de seu amor prevalecerá á inclinação, que ella tem de habitar estas campinas.

Porém he necessario , que eu cuide em lhe fallar. Como ficará admirada , quando me vir vestido com tanta magnificencia ! A que ponto tem chegado a invenção dos homens ! Que innumeraveis riquezas achei na barraca de meu pai ! Como he possivel , que sejam felizes aquelles , a quem são necessarias tantas cousas ! Até agora a pelle de huma cabra , toda branca , ou vistosamente malhada , era todo o meu vestido ; hoje me obrigão a trajar huma roupa matizada de varias côres , á semelhança dos nossos campos na estação da Primavera. Quanto receio , que estejaõ para mim acabados os dias de paz , e de felicidade ! A sorte me destina a occupar importantes empregos : queiraõ os Deoses ajudar-me. Claras fontes , deliciosos bosques , aonde passei com tanto prazer os annos da minha mocidade.

dade, eu vos deixo por hum genero de vida, que não conheço. Queridos rebanhos, cuja guarda era todo o meu cuidado, eu vos deixo, para ir vigiar sobre homens, que querem confiar-me o cuidado da sua felicidade. Como he glorioso, como he bello poder fazer felizes os nossos semelhantes! Mas terei eu forças para sustentar taõ pezada carga? O' dias deliciosos, eu nunca me esquecerei de vós. Todas as vezes, que a Primavera renovar a face da natureza, eu virei visitar esta habitação campestre; tu virás comigo, minha querida Alcina: aqui offereceremos sacrificios aos Deoses, nestas pacificas solidões, aonde a fresca viração nos costumava recrear nas horas da sésta. Mas aonde estás tu, minha querida Alcina? Não vejo a hora de lançar-me entre teus braços.

F

Sim , quero unir ao teu peito
meu coração palpitante , quero
pedir-te....

S C E N A VII.

PYRRO, EVANDRO.

PYRR. Meu filho, ha muito tempo , que te não ví. Por que razão te retiras de hum pai , que tanto te ama?

EV. Eu , Senhor , queria dizer o ultimo adeos a este delicioso sitio , antes que me ausentasse.

PYRR. E tanto te custa deixalo? As riquezas , e a fortuna esplendida , a que os Deoses te chamaõ , não te parecem dignas de estimação?

EV. Não posso negar que esta magnificencia me tem admira-

do. As riquezas , que brilhaõ nos vossos alojamentos , me trouxeraõ á memoria o brilhante enfeite de nossos campos , quando as flores borrifadas de orvalho se abrem aos primeiros raios do Sol. Porem os nossos prados sãõ ainda mais formosos. Entre essas riquezas vî mil cousas , das quaes nem sei o nome , nem o uzo , a que sãõ destinadas. Mas dizei-me , meu pai , ha de hum Principe estar sujeito a ser perseguido continuamente por huma caterva de importunos?

PYRR. Os bons , e os mÃos concorrem sempre para aquelle lugar , aonde se acha o poder , e as riquezas.

EV. Quando huma arvore estã carregada de flôr , voaõ a ella mil insectos preguiçosos , e inuteis ao lado da abelha diligente. Serã isto semelhante ao que nos acontece?

F 2

PYRR. Sim, meu filho.

EV. Mas parece-me cousa insupportavel estar continuamente rodeado de tanta gente, que procura servir-me, e que de nenhum modo me he necessaria. Supponho, que imaginaõ, que sou aleijado.

PYRR. Este he, meu filho, o privilegio dos Principes, fraca recompensa do trabalho, que elles tem em fazer observar as leis, e em promover a felicidade de seus povos.

EV. Mas, meu pai, se os homens elegem entre si os Principes, que os haõ de governar, elles haõ de eleger sem dúvida o que fôr mais prudente, e virtuoso: esta he a razaõ, por que vos elegêraõ, entre todos os demais. Mas como he possivel...

PYRR. Em outra occasiaõ responderei a tuas perguntas: basta

por hoje. Agora quero que me digas , por que razão estás tão triste ? Sentes , por ventura , algum pezar em trocares esta humilde habitação pelo meu palacio ?

EV. Não , meu pai , eu vos acompanharia sem o menor pezar , se sómente...

PYRR. Se sómente que ?

EV. Se sómente Alcina... Ai de mim !

PYRR. Que he isso , meu filho , tu suspiras ? (*A parte.*) Elle ignora ainda o destino de Alcina. Quero agora dissimular , para lhe ser mais gostoso o inesperado encontro , que está disposto.

EV. Se vós , Senhor , consentis-
seis , que Alcina viesse comigo...

PYRR. Alcina ? Eu já tenho noticia , meu filho , do amor , que tens a essa pastora : mas primeiramente quero que vejas a filha de

Arates, que te tenho destinado para esposa.

EV. Ah meu pai !

PYRR. Adverte, que me farias faltar á palavra, que já dei, se a tua vontade se não conformasse com a minha.

EV. O' Deoses ! como sou desgraçado !

PYRR. Assim que a vires, não poderás resistir á sua rara belleza. Ella he formosa, como a luz do dia.

EV. O' meu querido pai, deixai, que eu... Ah meu pai ! não, não será possível...

PYRR. Cala-te, que aqui vem seu pai.

S C E N A VIII.

PYRRO , EVANDRO , ARATES.

AR. (*Para Evandro.*) Meu Príncipe , dai-me licença , para trazer á vossa presença minha filha , cujo destino he tão semelhante ao vosso. Mas... Senhor , porque estais tão triste ?

EV. (*Para Arates.*) Eu sou obrigado a vê-la , pois meu pai assim o determina. (*A parte.*) O' Deoses ! Meu pai está apostado a fazer-me infeliz por toda a vida.

AR. Eu espero , Senhor , que nada poderá perturbar a alegria de hum dia tão gostoso.

PYRR. O amor lhe faz deixar estes campos com saudade.

AR. O Príncipe poderá escolher consóрте entre as mais formosas Princezas de todas as Côrtes.

PYRR. Eu já fiz a escolha, que lhe convem, e isto he o que agora o afflige. Mas aonde está a vossa amavel filha.

AR. Ella chega já á vossa presença.

S C E N A IX.

PYRRO , EVANDRO , ARATES ,
ALCINA ,

Duas criadas. (*Que ficam no fundo do Theatro.*)

ALC. (*Vestida magnificamente.*) O' Deoses ! E hei de eu vir assim servir de espectaculo ao Principe ? E he possivel , que não possa descobrir aquelle , a quem meu coração unicamente adora ?

EV. (*Cheio de tristeza, e com as mãos diante dos olhos.*) Ella

chega ; já lhe ouço a vóz. Ah infeliz de mim !

ALC. Este, que vejo, certamente he o Principe. A afflicção me faz emmudecer.

EV. (*Olhando para Alcina com espanto.*) Que he o que ouvi ? Eu conheço aquella vóz queixosa. He esta...

ALC. O' Ceos ! sustentai-me , amigas ; (*Para as criadas.*) sustentai-me, que eu desfalleço. Pois aquelle he o Principe ? O' Evandro !

EV. Que he o que vejo ? O' prazer ! ó alegria ! Es tu, Alcina ?

AR. O' Deoses ! que jubilo ; que alegria brilha nos olhos de ambos !

EV. (*Correndo para Alcina, e abraçando-a.*) Ah ! não, isto não he sonho : és tu , minha querida Alcina , és tu ; eu não me engano.

ALC. O' Evandro , ó meu ama-

do! Que encantamento, que milagre nos torna a unir neste lugar?

EV. No instante, em que eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, consigo a maior felicidade.

ALC. No instante, em que eu receava, que me opprimesse a excessiva dôr, me vejo repentinamente opprimida da mais sensível alegria.

PYRR. Os Deoses abençoem o vosso amor, meus queridos filhos. Elles vos creáraõ hum para o outro. Estás contente, meu amigo? (*Para Arates.*)

AR. Estou tão transportado de alegria, que não tenho palavras, com que vos explique o meu agradecimento.

PYRR. Vinde comigo, amados filhos. He necessario dar parte do nosso contentamento aos morado-

res deste paiz , para que todos festejem este dia , que para nós tem sido de tanta felicidade.

EV. Mas , meu pai , que será de Albano ?

PYRR. Elle me disse , que lhe faria incommodo o vir connosco para a Cidade. Não o obrigarei pois , a que nos acompanhe : mas fica por minha conta faze-lo o mais rico , e o mais venturoso de todos os pastores.

F I M.

